

JOELMIR BETING

*"Para certos políticos brasileiros,
a vida pública é a continuação da privada."*
Apparicio Torelly (1895-1971), Barão de Itararé

Fim de uma era?

A medida mais ousada do programa de estabilização é justamente a menos falada: o fim da emissão de títulos para financiar despesas. Vale pelo fim de toda uma era: a da mão sempre maior do que o bolso no trato da coisa pública.

□□□ Para cometer tamanha façanha, o governo vai ter de negociar com o Congresso reticente mudanças na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO). Lei de Diretrizes já fustigada pelos ralos descobertos na CPI do Orçamento. Parada indigesta: se a medida for aprovada, o governo fica sumariamente proibido de contrair novas dívidas. Títulos federais só serão emitidos para a rolagem das dívidas já contratadas. Ou para

eventuais enxugamentos da liquidez financeira.

□□□ Tradução: com a proibição da cobertura financeira de vazamentos orçamentários, o governo torna-se refém do ajuste fiscal a ferro e fogo. Foi o que se fez com o Plano Cavallo na Argentina.

□□□ Título público não deixa de ser moeda sem lastro com função de moeda — vulgo poupança falsa. Ele foi inventado, em todo o mundo, para uma função estritamente monetária: enxugar ou injetar liquidez na economia. Instru-



mento de controle da inflação de demanda.

□□□ No Brasil nos últimos 25 anos, títulos públicos estão sendo utilizados para financiar déficits, despesas, rombos, desperdícios, planos e obras. Ou seja: política fiscal atravessando a política monetária.

□□□ A bordo dessa magnifica invenção, a classe política deita e rola. A ordem é colocar os projetos bem acima dos recursos. O que importa não é receita. É a verba — ainda que sem

receita. Fica fácil fazer a obra, sem fazer (e sem pagar) a conta. O Orçamento nacional, peça de ficção contábil, virou simples protocolo constitucional.

□□□ Além de patrocinar a gastança pública, com direito a uma caixinha de superfaturamento das obras e emissão cumulativa de títulos públicos (federais, estaduais e até municipais) enigma na sociedade brasileira a cultura da grande financeira. Os títulos públicos inflacionam os juros bancários. Com isso, a poupança privada desloca-se das atividades produtivas para as aplicações especulativas. O resto é o que sente: um desperdício planetário chamado Brasil.